



A Santa Sé

SEGUNDA SESSÃO DA 16ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

VIGÍLIA DE ORAÇÃO ECUMÉNICA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Piazza dei Protomartiri Romani
Sexta-feira, 11 de outubro de 2024*

[Multimídia]

«Eu dei-lhes a glória que Tu me deste» (Jo 17, 22). Estas palavras da oração de Jesus antes da Paixão podem aplicar-se eminentemente aos mártires, glorificados pelo testemunho que deram de Cristo. Neste lugar, recordamos os primeiros mártires da Igreja de Roma: sobre o seu sangue foi construída esta basílica, sobre o seu sangue foi edificada a Igreja. Que estes Mártires fortaleçam em nós a certeza de que nos aproximamos uns dos outros ao aproximarmo-nos de Cristo, apoiados pela oração dos santos das nossas Igrejas, já perfeitamente unidos pela sua participação no Mistério Pascal. Como diz o Decreto *Unitatis redintegratio*, cujo 60º aniversário estamos a celebrar, *quanto mais os cristãos estão próximos de Cristo, tanto mais próximos estão uns dos outros* (cf. n. 7).

Neste dia, em que recordamos a abertura do Concílio Vaticano II, que marcou a entrada oficial da Igreja Católica no movimento ecuménico, estamos reunidos com os Delegados fraternos, com os nossos irmãos e irmãs das outras Igrejas. Por isso, faço minhas as palavras que São João XXIII dirigiu aos observadores na abertura do Concílio: «A vossa estimada presença aqui, a emoção que envolve o meu coração de sacerdote, de bispo da Igreja de Deus [...] levam-me a confiar-vos o anseio do meu coração, que arde com o desejo de trabalhar e sofrer a fim de que se aproxime a hora na qual se cumprirá para todos a oração de Cristo na Última Ceia» (13 de outubro de 1962). Entremos nesta oração de Jesus, tornemo-la nossa no Espírito Santo, juntamente com a dos Mártires.

A unidade dos cristãos e a sinodalidade estão ligadas. Com efeito, se «o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio» (*Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015), ele deve ser percorrido com todos os cristãos. «O caminho da sinodalidade [...] é e deve ser ecuménico, assim como o caminho ecuménico é sinodal» (*Discurso a Sua Santidade Mar Awa III*, 19 de novembro de 2022). Em ambos os processos, não se trata tanto de construir algo, mas sim de acolher e fazer frutificar o dom que já recebemos. E como é que é o dom da unidade? A experiência sinodal ajuda-nos a descobrir alguns aspetos.

A unidade é uma graça, um *dom imprevisível*. O verdadeiro protagonista não somos nós, mas o Espírito Santo que nos guia para uma maior comunhão. Tal como não sabemos de antemão qual será o resultado do Sínodo, também não sabemos exatamente como será a unidade a que somos chamados. O Evangelho diz-nos que Jesus, naquela sua grande oração, “levantou os olhos ao céu”: a unidade não é em primeiro lugar um fruto da terra, mas do céu. É um dom cujos tempos e modos não podemos prever; devemos acolhê-lo sem que «se ponham obstáculos aos caminhos da Providência» nem «se prejudiquem os futuros impulsos do Espírito Santo», como também refere o Decreto conciliar (*UR*, 24). O Padre Paul Couturier costumava dizer que a unidade dos cristãos deve ser implorada «como Cristo a quer» e «com os meios que Ele quer».

Outro dos ensinamentos do processo sinodal é que *a unidade é um caminho*: amadurece em movimento, durante o percurso. Cresce no serviço recíproco, no diálogo da vida, na colaboração entre todos os cristãos que «apresenta o rosto de Cristo Servo numa luz mais radiante» (*UR*, 12). Mas temos de *caminhar segundo o Espírito* (cf. *Gal* 5, 16-25); ou, como diz Santo Ireneu, como *tôn adelphôn synodía*, como “uma caravana de irmãos”. A união entre os cristãos cresce e amadurece na peregrinação comum “ao ritmo de Deus”, como os peregrinos de Emaús acompanhados por Jesus ressuscitado.

Um terceiro ensinamento é que *a unidade é harmonia*. O Sínodo tem-nos ajudado a redescobrir a beleza da Igreja na variedade dos seus rostos. Assim, a unidade não é uniformidade, nem é o resultado de compromissos ou equilíbrios. A unidade cristã é harmonia na diversidade dos carismas suscitados pelo Espírito para a edificação de todos os cristãos (cf. *UR*, 4). A harmonia é o caminho do Espírito, porque Ele mesmo, como diz São Basílio, é harmonia (cf. *Sobre o Salmo* 29, 1). Em virtude do nosso amor a Cristo e a todas as pessoas que somos chamados a servir, precisamos de percorrer o caminho da unidade. Durante este percurso, não deixemos que as dificuldades nos detenham! Confiemos no Espírito Santo, que impele à unidade numa harmonia de policroma diversidade.

Por fim, tal como a sinodalidade, a unidade dos cristãos é necessária para o seu testemunho: *a unidade é para a missão*, «para que todos sejam um só [...] e o mundo creia» (*Jo* 17, 21). Foi esta a convicção dos Padres conciliares quando afirmaram que a nossa divisão «é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a

criatura» (*UR*, 1). O movimento ecuménico nasceu do desejo de testemunhar juntos, na companhia dos outros, não afastados uns dos outros ou, pior ainda, uns contra os outros. Neste lugar, os Protomártires recordam-nos que hoje, em muitas partes do mundo, cristãos de diferentes tradições dão juntos a vida por causa da fé em Jesus Cristo, vivendo *o ecumenismo do sangue*. O seu testemunho é mais forte do que qualquer palavra, porque a unidade vem da Cruz do Senhor

Antes de iniciarmos esta Assembleia, tivemos uma Celebração Penitencial. Hoje exprimimos também a nossa vergonha pelo escândalo da divisão dos cristãos, pelo escândalo de não testemunharmos juntos o Senhor Jesus. Este Sínodo é uma oportunidade para melhorar, para ultrapassar os muros que ainda persistem entre nós. Concentremo-nos no *chão comum* do nosso *mesmo Batismo*, que nos impele a ser discípulos missionários de Cristo, com uma *missão comum*. O mundo precisa de um testemunho comum, o mundo precisa que sejamos fiéis à nossa *missão comum*.

Queridos irmãos e irmãs, diante do Crucifixo, São Francisco de Assis recebeu o apelo para restaurar a Igreja. Que em cada dia, também nós sejamos guiados pela Cruz de Cristo no caminho para a plena unidade, em harmonia uns com os outros e com toda a criação, «porque foi nele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua cruz, tanto as que estão na terra como as que estão no céu» (*CI* 1, 19-20).